

Âncora cambial é aguardada

São Paulo — Do ponto de vista empresarial, o segundo tempo da luta do ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, contra a inflação será a adoção de uma prefixação de preços com lastro em uma âncora cambial. Mas isso apenas depois que o Governo conseguir sucesso na primeira fase do programa econômico, que é a realização do ajuste das contas da União, estados, municípios e bancos estaduais. “Tudo está no campo da condicional”, analisa o empresário Roberto Teixeira da Costa, presidente da Brasilpar Serviços Financeiros. “Dentro de três meses é que o Governo vai saber se há condições de se fazer algo como prefixação de preços”.

Para Álvaro Augusto Vidigal, presidente da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), os próprios agentes econômicos se convenceram que uma inflação mensal de 30 por cento não se derruba automaticamente. “Se você tiver a visibilidade de que o ajuste necessário nas contas internas emplaca, pode partir para o segundo turno”, afirma. “E aí, sem surpre-

sas, o ministro Fernando Henrique chama a sociedade e estabelece uma prefixação de preços, com âncora cambial, para quebrar a inércia inflacionária”.

O momento, porém, não é favorável a se fazer nada parecido. “Choque agora será desperdício de energia”, diz Teixeira da Costa. “Ao invés de mudar as expectativas, só vai confirmá-las. Falam da Argentina, mas lá também foi assim: a âncora cambial só veio depois do ajuste feito. O ministro Fernando Henrique e sua equipe sabem que não adianta insistir no erro, mesmo porque há muitos erros novos a serem cometidos”. A possibilidade da adoção de uma alternativa de ataque frontal contra a inflação, provocando a desindexação de preços, é uma realidade que ninguém descarta.

Vidigal lembra que se o Governo não encerrar a fase do ajuste de contas internas, primeiro, e decidir adotar a quebra da inércia inflacionária simultaneamente às outras providências, haverá um grande fracasso provocado pela resistência política do Congresso.